

GIOBELLINA BRUMANA, Fernando. *El lado oscuro: la polaridad “sagrado/profano” y sus avatares*. Buenos Aires: Katz, 2014. 210 p.

Julia Goyatá

---



**Edição eletrônica**

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1414>  
ISSN: 1806-9983

**Editora**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Edição impressa**

Data de publicação: 31 Julho 2016  
Paginação: 465-468  
ISSN: 0104-7183

**Referência eletrônica**

Julia Goyatá, « GIOBELLINA BRUMANA, Fernando. *El lado oscuro: la polaridad “sagrado/profano” y sus avatares*. Buenos Aires: Katz, 2014. 210 p. », *Horizontes Antropológicos* [Online], 46 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/1414>

---

---

GIORBELLINA BRUMANA, Fernando. *El lado oscuro: la polaridad "sagrado/profano" y sus avatares*. Buenos Aires: Katz, 2014. 210 p.

*Julia Goyatá\**

*Universidade de São Paulo – Brasil*

*El lado oscuro* trata da noção de sagrado e de sua potência tanto como conceito explicativo quanto como conceito crítico. Fernando Giobellina Brumana revisita a noção tornada clássica na teoria antropológica francesa através do trabalho inaugural de Émile Durkheim (1858-1917), *Les formes et formes élémentaires de la vie religieuse* (1912), por meio de duas figuras emblemáticas, mas pouco recuperadas pela antropologia em geral: Robert Hertz (1881-1915) e Georges Bataille (1897-1962). Pertencentes a gerações sucessivas o trabalho desses autores teriam em comum o fato de colocarem em relevo a dimensão nefasta ou, como de saída diz o título do livro, *obscura* da noção de sagrado. Se Durkheim e Marcel Mauss (1872-1850) haviam dado ênfase à “face diurna” do conceito, trata-se aqui de destacar a “face noturna” como chave de compreensão da vida social (p. 134).<sup>1</sup>

Apesar das afinidades teóricas entre os autores em questão, Giobellina Brumana destaca que Hertz e Bataille viveram trajetórias profissionais e experiências institucionais bastante distintas, que se relacionam diretamente com sua produção. Enquanto Hertz era sociólogo de formação e fazia parte da sólida Escola Sociológica Francesa fundada por Durkheim, que teve e segue tendo projeção teórica até os dias de hoje, Bataille era funcionário da biblioteca pública de Paris, intelectual que permaneceu à margem da sociologia acadêmica, tendo participado de diversas associações independentes e efêmeras entre os anos 1920 e 1940, sendo o Collège de Sociologie (1937-1939) um espaço de destaque para pensar a noção de sagrado.<sup>2</sup> Se um tinha uma formação definida

---

\* Doutoranda em Antropologia Social (bolsista Fapesp). Contato: juliavgoyata@gmail.com

<sup>1</sup> Todas as traduções que se seguem são de minha autoria.

<sup>2</sup> Dentre as associações das quais participou Bataille nos anos 1930 estão a revista *Documents* (1929-1930), o *Cercle Communiste Démocratique* (1932), a associação *Contre-Attaque* (1935), *Acéphale* (1937-1939) e o referido *Collège de Sociologie*.

em um campo específico do conhecimento, a sociologia, o outro transitava entre a filosofia, as artes, a teoria social e a literatura, sendo de difícil captura em uma única área do saber.<sup>3</sup> É preciso lembrar também que a produção de Hertz é consideravelmente menor que a de Bataille, já que o autor teve uma vida intelectual curta interrompida por sua morte durante a Primeira Guerra Mundial.

O livro está assim dividido em duas partes: uma primeira que trata da produção de Bataille nos anos 1930, “Sacré Bataille!”, e uma segunda que se dedica a Hertz e seus trabalhos do início do século XX, “Ondas hertzianas”. É curioso que há também um capítulo de passagem entre esses dois momentos que se detém na figura de Michel Leiris (1901-1990). A posição intermediária do autor no livro se justifica por sua trajetória marcada por uma dupla vinculação: etnólogo doutorado pela École Pratique des Hautes Études, onde fora aluno de Mauss, e inserido no Musée de L’Homme desde 1935,<sup>4</sup> Leiris nunca deixara de lado o ofício de escritor e seu vínculo com as artes, tendo participado junto a Bataille de associações artístico-políticas como o mencionado Collège de Sociologie. De alguma forma Leiris representa a passagem entre o universo formal da sociologia francesa, também experienciado por Hertz, e aquele que vivenciou com Bataille nos anos 1930, marcado pela experiência das vanguardas.<sup>5</sup>

Invertendo a ordem cronológica esperada é Bataille e não Hertz o autor primeiramente abordado no livro, e, apesar do explícito desconforto de Giobellina Brumana com relação ao primeiro, eu diria que é fundamentalmente sobre ele que *El lado oscuro* parece versar.<sup>6</sup> Embora Hertz ganhe atenção

---

<sup>3</sup> Bataille terminara sua formação em 1922 da conceituada École des Chartes, considerada um reduto de erudição parisiense (Leniaud, 1993).

<sup>4</sup> Leiris apresenta em 1938 a tese de doutorado *La langue secrète des Dogon de Sanga* como resultado da etnografia realizada entre 1931 e 1933 na África através da participação na missão Dacar-Djibouti. Em outro trabalho Giobellina Brumana (2005) explora mais de perto os preparativos dessa missão.

<sup>5</sup> Leiris participara de 1922 a 1924 do grupo formado por André Breton na rua Blomet sendo incorporado ao surrealismo de 1924 a 1929. Ele e Bataille se conheceram justamente no ano da entrada do primeiro no movimento e a partir daí estabeleceram um laço afetivo e intelectual duradouro. Com Bataille Leiris participou de *Documents* e, posteriormente, do Collège de Sociologie. Para mais detalhes ver: Surya (1992); Armel (1997) e Bataille e Leiris (2004).

<sup>6</sup> Ao longo do livro o autor não se furta em comentar os exageros envolvidos na construção da persona de Bataille. Ao falar de uma carta do autor enviada à esposa de Leiris, por exemplo, Giobellina Brumana comenta explicitamente: “A carta a Zette em que Bataille expressa dor, que finalmente não foi enviada, me parece de uma surpreendente sinceridade (*surpreendente para mim, que vejo com tão pouca confiança seu emissor*)” (p. 74-75, grifo meu).

considerável – e destaco aqui a importância de trazê-lo para o debate, já que apesar de sua produção original, figura normalmente nos manuais de história da antropologia apenas como um apêndice de Mauss e Durkheim –, seu trabalho parece funcionar mais como um contraponto num jogo de figura e fundo em que Bataille salta aos olhos. Para além dos projetos radicais pela qual se tornou miticamente conhecido, como a experiência da sociedade secreta *Acéphale* no fim dos anos 1930, o trabalho de Giobellina Brumana dá a ver a consistência da reflexão batailleana sobre o sagrado e seu interesse para a teoria antropológica.<sup>7</sup> Trata-se, assim, de entender o giro conceitual que Bataille opera na clássica noção de sagrado proposta pelo *Anée Sociologique*.

Se o trabalho de Durkheim expõe a oposição sagrado/profano, mostrando a capacidade de compressão e distensão da vida social e a importância dos momentos de efervescência coletiva característicos da vida religiosa para a manutenção da própria ordem social, a questão da ambiguidade do próprio polo do sagrado é definida, mas não explorada a fundo por ele. Hertz ocupa então um lugar fundamental ao refletir sobre os polos fasto e nefasto do sagrado, como demonstra seu conhecido artigo sobre a preeminência da mão direita (1909). Nele o autor explora a hierarquia existente entre as dimensões “direita” e “esquerda” das práticas corporais humanas e seus desdobramentos em uma série de oposições. Há, como comenta Giobellina Brumana um encapsulamento de dualidades operando nesse texto: “se produz uma circularidade; ‘esquerda/direita’ é uma espécie de avatar de ‘profano/sagrado’, mas no sagrado opera também a polaridade ‘direita/esquerda’” (p. 162). É essa circularidade desenhada por Hertz que permite pensar a produção aparentemente contraditória de um “sagrado profano” à qual Bataille irá se apegar depois.

Se em Hertz já havia então a ideia de que “o lado que conjuga a esquerda e seus equivalentes, o lado obscuro da humanidade, não é negativo apenas do ponto de vista da moralidade, mas também é incontornável e perigoso, uma força que ameaça todo o sistema” (p. 163), em Bataille essa será a ideia motriz que guiará não somente várias das experiências associativas lideradas por ele, mas também sua produção teórica dos anos 1930. Ao reivindicar a noção de despesa (1933) e a de heterogêneo (1933) gestadas nesse momento é também

---

<sup>7</sup> Sabe-se que nos planos de *Acéphale* havia até mesmo a proposição de um sacrifício humano consentido, que jamais chegou a ocorrer (p. 70).

do sagrado nefasto que o autor está falando, trata-se de faces de uma mesma moeda conceitual. O salto de Bataille é, assim, o de trazer para o campo da política uma noção advinda do universo religioso. Se o sagrado profano é uma força transformadora e perigosa é preciso praticá-la como instrumento político de crítica à modernidade e à sociedade ocidental.

*El lado oscuro* é um documento importante do percurso da noção de sagrado e traz à baila trabalhos raramente revisitados, além de retomar um amplo cenário no qual se desenrolou a antropologia francesa. Contudo, ainda que se proponha a realizar um “jogo especular” entre os autores, como já dito, Giobellina Brumana parece, mesmo que a contragosto, ceder à sedutora excentricidade da figura e do pensamento batailliano, o que deixa Hertz na penumbra (p. 129).

## Referências

ARMEL, A. *Michel Leiris*. Paris: Fayard, 1997.

BATAILLE, G.; LEIRIS, M. *Échanges et correspondances*. Paris: Gallimard, 2004.

GIOBELLINA BRUMANA, F. *O sonho dogon nas origens da etnologia francesa*. São Paulo: Edusp, 2005.

LENIAUD, J.-M. L'école des Chartes et la formation des élites (XIXe. s). *La Revue Administrative*, Paris, v. 46, n. 276, p. 618-624, nov./dec. 1993.

SURYA, M. *La mort à l'oeuvre*. Paris: Gallimard, 1992.